



A FORMAÇÃO ESTÉTICA E LITERÁRIA POR MEIO DO LIVRO DIDÁTICO

Janete Bridon - Univali

Adair de Aguiar Neitzel – Univali

Fabiana Henrique – Univali

Serenita Hochmann - Univali

Pesquisa financiada pelo CNPq e FAPESC.

Resumo: Este artigo apresenta análises referentes às concepções que os livros didáticos exibem do texto literário. Parte-se do princípio de que a literatura tem uma função estética que precisa ser respeitada para ajudar na formação de leitores. Nesta etapa da pesquisa, analisamos quatro livros para os alunos de seis anos do ensino fundamental com o objetivo de investigar como o livro didático aborda o texto literário - sua concepção de literatura e os gêneros privilegiados. É uma pesquisa documental, de abordagem qualitativa. Os procedimentos metodológicos foram: a) construção de roteiro de análise; b) adaptação da tabela construída por Kaufman (1995); c) leitura e análise dos textos e atividades; d) leitura das resenhas do PNLD 2010. Podemos indicar que os livros oferecem grande tipologia textual; um livro mostrou-se alinhado à leitura fruitiva, apresentando várias estratégias adequadas; um livro situa-se no entremeio, por apresentar algumas estratégias coerentes com os fundamentos para formação de leitores; dois livros fazem com frequência o uso inadequado do texto literário, sem respeitar as categorias do texto ficcional.

Palavras-chave: Formação estética. Livro Didático. Literatura. Formação de leitores.

*Enquanto eu pensava em alguma pergunta ou dúvida,
Delatour lia um livro e fazia anotações com
um lápis vermelho. Os gritos, a zoadá do Mercado Municipal,
a quentura do clima, nada me incomodava. Era um
leitor que parecia dialogar com o texto, e isso, para mim,
era uma novidade, uma descoberta.
(HATOUM, 2009, p. 98)*

Iniciamos este artigo com um fragmento do conto de Milton Hatoum *A natureza ri da cultura*, porque esse conto provoca-nos a discutir como que se estabelece a relação entre leitor e obra no processo de leitura. Delatour não se desvia da leitura, ao contrário, entrega-se ao texto, mesmo inserido em um contexto aparentemente não propício. A narradora demonstra sua perplexidade diante da personagem porque ignora que a leitura constrói-se mediante um processo de interlocução que o leitor estabelece com o texto, e como este se mostra também “escrevível” diante de suas possibilidades de leitura e releitura. O que evidentemente não significa que tudo pode ser lido em um texto e que ele está aberto a quaisquer derivas interpretativas, como bem lembra Eco (2003).

Barthes, em *S/Z*, lida com o conceito de *lexia* para sinalizar como o processo de escrita constitui-se aberto a interferências que fogem do controle do autor. As *lexias* são pontos

abertos às intervenções dos leitores, interstícios escondidos. “A lexia escondida sob o fluxo do discurso formará, assim, uma espécie de cubo com facetas, recoberto pela palavra, pelo grupo de palavras, pela frase ou pelo parágrafo, em outras palavras, pela linguagem, que é seu excipiente ‘natural’”. (BARTHES, 1992, p. 47-48). Ao estabelecer cinco códigos, Voz da Empíria, Voz da Pessoa, Voz da Ciência, Voz da Verdade, Voz do Símbolo, os quais seriam os responsáveis por reunir todos os significados do texto e manifestar o seu sentido plural, Barthes auxilia-nos a entender o processo de construção, desconstrução e reconstrução do texto pela leitura. “Cada código é uma das forças que se podem apoderar do texto (cuja rede é o texto), uma das Vozes que compõem a malha do texto” (BARTHES, 1992, p. 53). O estabelecimento desses códigos exemplifica como o texto pode ser um espaço poroso, pois as lexias revelam uma abertura pela qual o leitor pode adentrar. A questão que problematizamos aqui é: como o leitor encontra essas lexias? O desbravamento delas seria possível quando o leitor coloca-se frente ao texto em uma posição de desconforto e de especulação, de busca pelos possíveis sentidos do texto, uma competência leitora que o colocaria a se defrontar com o texto, a descobrir suas lacunas, como a personagem Delatour o faz?

Delatour é o modelo de leitor ideal desejado pela escola. No entanto, apesar de muitos esforços e das políticas públicas de distribuição de livros, ainda temos uma longa caminhada quando o assunto é leitura. Se observarmos como a leitura é normalmente introduzida nos primeiros anos da vida escolar de nossas crianças, poderemos compreender porque ainda não formamos o leitor ideal que se entrega ao texto não para desfrutar o prazer de seu enredo, mas para perfurá-lo em busca de sentidos outros, por meio da fruição, os quais nos fala Barthes (2010) em *O prazer do texto*.

Tendo em vista que o texto literário é desenhado artisticamente e, portanto, seu valor não reside apenas na mensagem que veicula, mas na forma como o faz, assim como possui uma função estética que o diferencia de outro texto, entendemos que uma vez respeitada essa função, o leitor passará a construir uma relação também estética com o texto que pode seduzi-lo, e por que não dizer, aproximá-lo cada vez mais do universo da leitura.

Entendemos que o livro didático – por ser o livro mais presente no dia a dia da maioria das crianças - pode não só facilitar a entrada da criança no universo da leitura como permitir que ela estabeleça uma relação estética com o texto literário por meio da fruição. Para isso, é necessário que seja respeitada sua natureza literária e, conseqüentemente, sua função estética, que exige um tratamento da literatura como arte. Ainda, não podemos perder o foco de que por meio da literatura pode-se propor uma educação do sensível e estética, por meio da qual, segundo Duarte Jr. (2010), o ser humano pode colocar-se face a face com os estímulos do

mundo - capacidade de apreciar, de avaliar, de julgar, de sentir, de expressar-se, de saborear. Um dos caminhos para obter-se a educação estética é por meio da arte, da ligação constante com ela, pois é um precioso instrumento que nos leva a: descobrir, sentir, perceber, desenvolver, acurar sentimentos e percepções acerca da realidade vivida. Para o autor, a educação estética não é a transmissão de informações sobre arte, sobre os artistas, sobre os objetos estéticos, mas sim sobre sentir a si mesmo e ao mundo como um todo. A questão, portanto, não é interpretar as obras de arte, mas sim percebê-las e senti-las.

Estará, no entanto, o livro didático respeitando a natureza ficcional da literatura e contribuindo para a formação estética do aluno? Como aquele apresenta o texto literário para os pequenos de seis anos? Quais as relações com a literatura que o livro didático está permitindo ao leitor estabelecer? Estará o texto literário sendo abordado de forma adequada? Essas outras questões procuraremos elucidar nas análises que se seguem de quatro livros didáticos aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático 2010 (PNLD) para os alunos de seis anos do ensino fundamental¹.

No livro *Linhas & entrelinhas*² percebemos a pouca variedade de textos literários: dos trinta e um textos, dezesseis são poemas, há apenas um conto e não há narrativas contemporâneas, como podemos perceber na Tabela 1-LD1³. Para a formação do leitor é indiscutível a necessidade de rodeá-lo de textos de gêneros variados para que ele possa amadurecer seu nível de compreensão e reflexão. Lajolo (1984), há vinte e sete anos, já alertava sobre a importância de colocar o leitor frente a uma variedade de textos para que este desenvolva seu processo de leitura.

Nos poemas, as autoras dão preferência a autores contemporâneos, tais quais: Ricardo Azevedo, Jose Paulo Paes, Tatiana Belinky, Sérgio Caparelli, Elias José; artistas dedicados à literatura infantil e infanto-juvenil. As temáticas abordadas nos poemas giram em torno dos conteúdos de cada unidade do livro. Acompanhando os poemas, podemos encontrar uma breve biografia dos autores que permite ao leitor ampliar suas referências ao redor do objeto artístico, abrindo a possibilidade de levá-lo a outras leituras. No entanto, cada texto da seção *Lendo* é seguido pela subseção *Estudando o texto*, onde podemos encontrar exercícios

¹ Essas análises fazem parte de um projeto maior de análise de dezenove livros aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático 2010 (PNLD).

² *Linhas & entrelinhas* - publicado pela editora Positivo, destinado ao primeiro ano do ensino fundamental, escrito por Lucia Helena Ribeiro Cipriano e Maria Otília Leite Wandresen.

³ A tabela referente à análise dos livros encontra-se ao final deste artigo.

destinados à compreensão leitora ou ao ensino da linguagem, como o poema *Aula de leitura*, de Ricardo Azevedo, usado para estudo de versos e rimas, como podemos perceber na figura que segue:

Figura 1- Atividades com o poema *Aula de Leitura*

5. Os poemas geralmente apresentam rimas, ou seja, sons iguais ou semelhantes nos finais dos versos. A seguir, em cada quadro, há palavras que rimam no poema. Circule as partes iguais das palavras de cada par:



Fonte: Cipriano e Wandresen (2008, p. 15).

Já o poema *O Alfabeto*, de José Paulo Paes, é usado como ferramenta para o ensino das letras do alfabeto.

Figura 2 – Atividades com o poema *O Alfabeto*

4. Cada estrofe do poema apresenta uma letra do alfabeto. Com o auxílio do seu professor, releia a primeira estrofe:

O A É UMA ESCADA
BEM ABERTA, PELA QUAL
SE SOBE OU SE DESCE.

- a) Indique com um X o desenho do objeto com que o formato da letra A é comparado:



- b) No espaço a seguir, faça uma ilustração desse objeto, apresentando o formato da letra A:



- c) Circule nessa estrofe a palavra que começa com a letra A.

Fonte: Cipriano e Wandresen (2008, p. 36).

O uso dos poemas apenas para funções didáticas trai o verdadeiro sentido da literatura que é levar o leitor ao deleite, deixar o leitor envolver-se com a leitura por fruição. Segundo Oliani e Neitzel (2010), a poesia traz como característica marcante sua função estética, enquanto o texto não literário sua função utilitária: informar, convencer, explicar, responder, ordenar, etc. Zilberman (1998) afirma que textos literários quando usados para fins pedagógicos impedem que a criança perceba-os como arte, pois sua finalidade passa a ser pragmática. Para Perrotti (1986), quando se abandona o “utilitarismo” dos textos literários é que ele passa a comprometer-se com a arte⁴.

Além de observarmos que o tratamento destinado ao poema não se ocupa em respeitar sua função estética, as autoras violam o poema ao fragmentá-lo, como fazem com o poema *Diversidade*, de Tatiana Belinky, subtraindo o direito do leitor de ter acesso à obra na íntegra. Uma obra literária, seja qual for sua extensão, foi construída para ser apreciada em seu todo, afinal um livro, um poema, um conto são como quadros cuja existência dá-se pelo seu conjunto. Usar os textos literários para o ensino da linguagem é banalizar o verdadeiro sentido

⁴ É importante lembrar que a obra de Perrotti (1986), *O texto sedutor na literatura infantil*, e de Lajolo (1984) e Zilberman (1984), *Leitura em crise na escola*, são aqui citados porque foram os primeiros estudiosos no Brasil que apontaram, na década de 80, a função estética da literatura e a necessidade de o livro didático perceber o texto literário para além do estudo sistematizado da língua.

da literatura, é fazê-la descer de sua condição de arte para texto didático. Para Soares (2001), a escolarização da leitura não pode ser negada, mas a forma errônea de tratamento dado ao texto literário leva à sua “deturpação, falsificação, distorção”. Como poderíamos apreciar apenas um pedaço de um quadro de Velázquez ou de Rembrandt?

Dentre todos os textos inseridos nesse livro didático, dando preferência a um escritor inglês, apenas o conto *O príncipe sapo* de Neil Phillip, colocado dentre os exercícios, serve como leitura fruitiva, pois não há exercícios complementares em relação ao conto. Percebemos, então, que o conto, apesar de encontrar-se em local inadequado, cumpre seu verdadeiro papel de texto literário, a fruição, sem ser “pretexto” para o ensino. Como Lajolo afirmou em 1984: “O texto não é pretexto para nada. Ou melhor, não deve ser”. (LAJOLO, 1984, p. 52).

Com relação à interpretação, cada texto da categoria *Lendo* é seguido pela subseção *Estudando o texto*, com exercícios destinados ao ensino da linguagem ou à compreensão leitora, cujas respostas, na maioria das vezes, encontram-se explícitas no texto, apesar de, em alguns casos, as perguntas levarem a criança a fazer relações intertextuais. Apesar desse livro apresentar um convite aos alunos para a leitura de textos literários no item *Ouvindo histórias*, com sugestões de busca de livros na biblioteca e de leituras ao final de cada unidade, em um total de vinte e dois livros, o livro apresenta pouca variedade de textos literários: dezesseis poemas, um conto, quatro textos imagens, quatro histórias em quadrinho. Alguns textos literários são fragmentados para melhor serem usados como pretexto para a alfabetização. Já o conto é inserido no livro didático para ser apenas lido e abandonado pela criança, em um exercício de apreciação, sem o compromisso da execução de exercícios complementares em relação a ele.

*Novo Bem me Quer: Letramento e Alfabetização Linguística*⁵ é outro livro didático analisado. As autoras, no Manual do professor, advertem para o cuidado que os professores devem ter em não fazer com que a leitura para estudo reprima a leitura por prazer. Alertam, também, para um trabalho com poesia voltado para “a forma artística, para o lúdico, para as imagens” (GIESEN; GARCIA, 2008, p. 22) e aconselham a não usar poemas “apenas” como pretexto para estudos gramaticais, morais, dando a eles ares de texto científico.

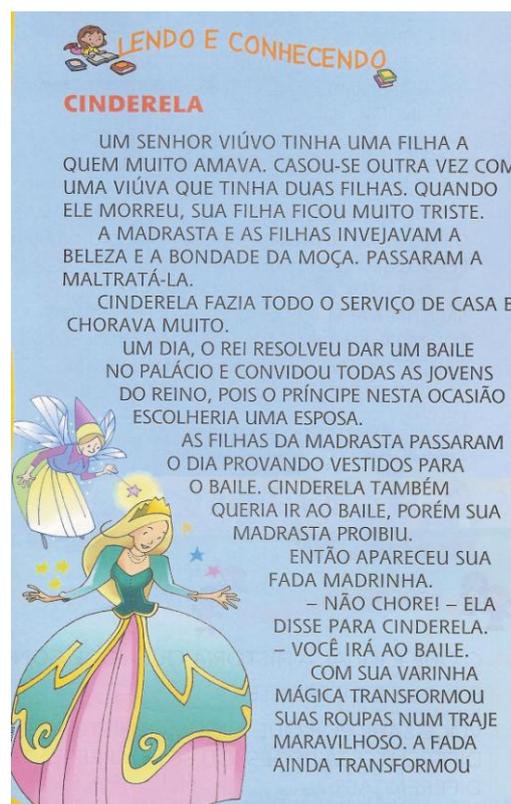
A variedade de textos literários e não literários (Ver Tabela 1-LD2), trazida no livro, permite ao aluno ter contato com um repertório textual que deve fazer parte do cotidiano de um leitor, podendo o discente, assim, familiarizar-se com os diferentes tipos de textos e suas

⁵ *Novo Bem me Quer: Letramento e Alfabetização Linguística* - publicado pela Editora do Brasil, é destinado ao primeiro ano do ensino fundamental, escrito por Maria Regina Giesen e Vanda A. Garcia.

linguagens. Para Lajolo (1997), uma das funções da escola é familiarizar o aluno paulatina e crescentemente com textos que tratem de ampliar seu envolvimento com culturas mais complexas, uma proposta que possibilita ao indivíduo acesso à compreensão leitora e a conhecimentos necessários à construção de sua cidadania.

Ao folhear o livro, principalmente as seções *Lendo e conhecendo*, cujo foco é a leitura, podemos encontrar textos informativos, mapas, imagens, rótulos, anúncios, receitas, dicas, quadrinhas, poemas, parlendas, contos, fábulas, tirinhas, cantigas, além de uma biografia e uma letra de música. Como são usados os textos literários no livro *Novo Bem me Quer: letramento e alfabetização linguística*? As autoras trazem ao longo da obra três contos cuja preferência foi dada aos clássicos: *Cinderela*, de Charles Perrault, *A Bela Adormecida* e *A boa sopa* dos Irmãos Grimm. Os contos *Cinderela* e *A Bela Adormecida* são apresentados em versões recontadas:

Figura 3 – Apresentação do conto *Cinderela*



Fonte: Giesen e Garcia (2008, p. 53).

Em se tratando de a *Cinderela*, as autoras querem mostrar explicitamente que é uma versão da história. Anteriormente à leitura, é pedido aos alunos que contem a mesma história da forma como eles a conhecem. O exercício após essa leitura leva os alunos a pensar por que

há versões diferentes das histórias, sendo a explicação dada pelas autoras: por ser uma “história de tradição oral” (GIESEN; GARCIA, 2008, p. 54).

Figura 4 – Atividade sobre o conto Cinderela

UMA ABÓBORA EM CARRUAGEM, O GATO EM COCHEIRO E O RATO NUM BELO CAVALO.
 – MAS LEMBRE-SE, O ENCANTO TERMINARÁ À MEIA-NOITE – DISSE A FADA.
 CINDERELA ENTROU NO PALÁCIO E TODOS FICARAM ENCANTADOS COM SUA BELEZA. O PRÍNCIPE SÓ DANÇOU COM ELA.
 AO DAR MEIA-NOITE, ANTES QUE TERMINASSE O ENCANTO, CINDERELA FOI EMBORA. AO CORRER, PERDEU SEU SAPATINHO DE CRISTAL.
 O PRÍNCIPE MANDOU QUE PROVASSEM O SAPATINHO EM TODAS AS JOVENS DO REINO. TODAS PROVARAM. MAS QUANDO CINDERELA CALÇOU O SAPATINHO, SURPRESA! SERVIU!!!
 CINDERELA E O PRÍNCIPE CASARAM E FORAM FELIZES PARA SEMPRE.

Professor, antes de iniciar a leitura da história é interessante que os alunos procurem relembrá-la, pois isso ajudará a acompanhar a leitura e a compreendê-la. Veja mais narrativas no Manual do Professor.

CLÁSSICOS DE OURO.

RODA DE CONVERSA

1. O QUE É IGUAL À HISTÓRIA QUE VOCÊ CONHECE?
Resposta pessoal.
2. E O QUE É DIFERENTE?
Resposta pessoal.
3. VOCÊ SABE POR QUE ALGUMAS HISTÓRIAS TÊM DIFERENTES VERSÕES, OU SEJA, APRESENTAM DIFERENÇAS?
Professor, explique aos alunos que Cinderela é uma história de tradição oral, por isso tem muitas versões. Histórias como as de Cinderela, Branca de Neve, Chapeuzinho Amarelo, A Bela Adormecida, O Gato de Botas etc., antes de serem reunidas em livros, foram narradas oralmente durante séculos. Os pais contavam para os filhos, os filhos para seus filhos e as histórias eram transmitidas de geração em geração, sofrendo alterações.

Fonte: Giesen e Garcia (2008, p. 54).

Atividades interpretativas dessa natureza repetem-se com outros textos, como *Assembleia dos ratos* de Monteiro Lobato e *Maria vai com as outras* de Sylvia Orthof, as quais convidam as crianças a pensar, a tomar decisões, a opinar, tirando-as da leitura passiva provocada apenas pelo trabalho com linguagem.

No entanto, ao optar por uma versão resumida do texto literário, versão modificada de uma história dos Irmãos Grimm, não estariam as autoras propondo o que Lajolo (2009) considera ser uma “falsa situação de leitura”? As versões trazidas pelas autoras são resumos os quais não permitem ao leitor perceber os vários recursos estéticos usados pelo autor para compor sua obra.

A bela adormecida é trazida, também, em uma versão condensada, porém é colocada ao final da unidade na seção *Para gostar de ler* apenas como leitura *gratia sui* (ECO, 2003). Assim também é apresentado o conto *A boa sopa* de Grimm, no entanto, o texto é trazido de forma fragmentada, seu final é ignorado, assim como a fábula de Marina Monteiro Cardoso, *A*

bruxa que roubou o sol, que vem acompanhada de várias reticências indicando a omissão de várias partes do texto.

Figura 5 – Fragmentos de *A bruxa que roubou o sol*



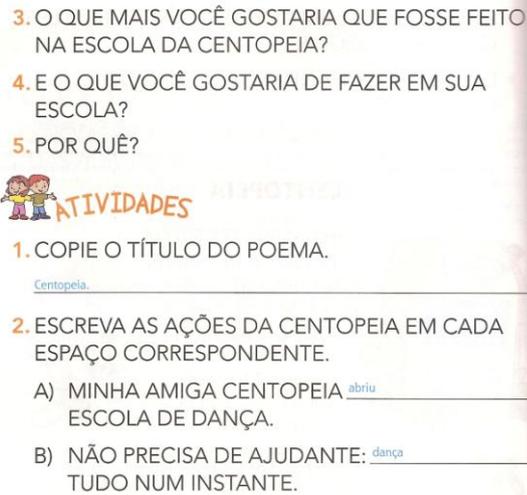
Fonte: Giesen e Garcia (2008, p. 185-186).

Privar o leitor da íntegra do texto é tirar-lhe o direito de conhecer o texto na sua totalidade. Ao escrever um conto, uma crônica, um romance, o autor toma cuidado com cada palavra, com cada frase, com cada parágrafo, sendo cada um desses elementos crucial para a amarração e a apreciação da obra, cuja falta pode distanciar o futuro leitor da literatura. Para Souza e Giroto (2009), essa fragmentação dos textos literários transforma-os em “pseudotextos”, pois são alterados para encaixar nos espaços do livro didático.

Ao longo do livro, o leitor encontra seis poemas que deflagram uma discussão sobre determinada temática. Esses poemas cumprem a promessa das autoras de trabalhar esse gênero literário de forma artística, pelo viés da fruição. Para Barthes (2010), o texto lido de forma fruitiva é aquele que coloca o leitor frente a frente com o padrão de conhecimento construído, tirando o leitor de sua zona de conforto e colocando em xeque seu padrão de normalidade. Para Peixoto, o leitor deixa de ser uma tábula rasa após a leitura fruitiva, pois no momento do prazer estético sua experiência de vida entra em ação. “A arte concretizada numa obra aberta permite ao fruidor conhecer e se reconhecer no mundo, situar-se na sua contemporaneidade, reafirmando a inteligibilidade dela.” (PEIXOTO, 2003, p. 91).

Há momentos, no entanto, em que poemas, como a *Centopeia*, de Wânia Amarante, apesar de estar em meio a atividades interpretativas, permitindo ao aluno fazer uma reflexão sobre seu ambiente escolar, são usados como pretexto para trabalhar-se a linguagem, como podemos observar na sequência.

Figura 6 – Atividades com o poema *Centopeia*



Fonte: Giesen e Garcia (2008, p. 72).

O mesmo equívoco repete-se no tratamento de letras de músicas as quais são usadas para o ensino explícito de sílabas e palavras, privando-se o aluno do sentido estético da música. Esta poderia ser trazida para que o ouvinte pudesse perceber na leitura do texto em voz alta a melodia, o som e a brincadeira na qual o autor quer envolvê-lo, do contrário, a leitura do texto tornar-se-á um ato mecânico. Por outro lado, ao usarem as parlendas e cantigas, as autoras convidam as crianças a fazerem brincadeiras e dinâmicas que enriquecem o contexto escolar, atividades de leitura centradas na percepção dos diferentes ritmos propostas a partir de jogos de interações entre os indivíduos. Lidar com o poema em sala de aula deveria ser sempre a oportunidade de o aluno perceber a poesia de diferentes formas estéticas, explorando sua sonoridade dentro e fora dos versos, atividade apreciativa que reforçaria a ideia do poema-arte.

Em síntese, o livro didático *Novo Bem me Quer* apresenta três pontos fortes: tipologia de textos variada; atividades de interpretação textual que levam as crianças a pensar, refletir e opinar; textos na seção *Para gostar de ler*, cujo único foco é a leitura frutiva. Em contrapartida, há alguns pontos que necessitam ser repensados: o emprego de textos

fragmentados e o uso de poemas como pretexto para estudo linguístico, atividades que depreciam o estatuto de arte que possui a literatura.

O livro *Projeto Prosa: Letramento e Alfabetização Linguística*⁶, conforme podemos observar na tabela 1–LD3, não apresenta um repertório de textos muito variado, priorizando textos literários, transcrições orais e imagens. As autoras selecionaram três textos instrucionais, três humorísticos e três publicitários. Para Chiappini (2005), o estudo da língua envolve o uso de diferentes tipos de textos, pois cada um requer uma aproximação diferente.

Além disso, o livro desconsidera a função estética do texto literário, pois todas as vezes que o texto aparece é apresentado como pretexto para o ensino da gramática. Há também uso inadequado de atividades de interpretação textual que é voltada a perguntas como: ”sublinhe no texto”, “circule no texto”, “complete as frases”, “pinte no texto o sinal de pontuação”, “quantas vezes ele aparece?”. As perguntas não estimulam a resposta pessoal dos alunos, a compreensão do texto, e a exploração da gramática é constante, como podemos observar nesta atividade referente ao poema *As Quatro Estações* de Alexandre Azevedo:

Figura 7 – Atividades com o poema *As Quatro Estações*

2. COMPLETE O TRECHO DO POEMA.

NÃO SE ESQUEÇA DE COPIAR A PONTUAÇÃO...

LÍRIO CONHECEU
Margarida

QUANDO AINDA ERA
Um botão...

NAMORARAM NA
Primavera,

NOIVARAM NO
Verão...

E FOI NO MEIO DO
Outono

QUE LÍRIO COMPROU
Seu termo

PARA SE CASAR
Com Margarida

NO ÚLTIMO DIA DO
Inverno

Fonte: Prado e Hülle (2008, p. 69).

Esse tipo de atividade repete-se ao longo do livro, depreciando a função da literatura. Soares (2001), sobre os exercícios propostos aos textos de literatura, comenta que eles

não conduzem à análise do que é essencial neles, isto é, à percepção de sua literariedade, dos recursos de expressão, do uso estético da linguagem; centram-se nos

⁶ *Projeto Prosa: Letramento e Alfabetização Linguística* - publicado pela editora Saraiva, de autoria de Angélica Prado e Cristina Hülle.

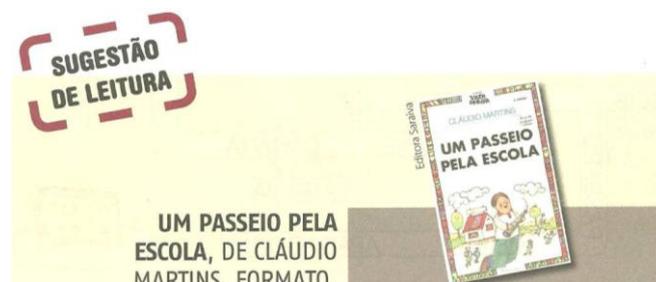
conteúdos, e não na recriação que deles faz a literatura; voltam-se para as informações que os textos vinculam, não para o modo literário como as vinculam. (SOARES, 2001, p. 43).

Ao longo do livro, é possível encontrar muitas histórias fragmentadas, um desrespeito à autoria, prejudicando a apreciação e o entendimento da obra artística. Muitas delas, no seu contexto original, são acompanhadas de imagens que dão outros sentidos ao texto e que no contexto do livro didático foram extirpadas.

A seleção de autores consta com especialistas em literatura infanto-juvenil e infantil, romancistas, cronistas, contistas, poetas, ilustradores e músicos. Deparamo-nos com Elias José, Cláudio Thebas, Flávia Côrtes, Lalau e Laurabeatriz, Alexandre Azevedo, Sérgio Caparelli, Vinícius de Moraes, Heloisa Prieto, Rubem Alves, Ana Lúcia Brandão, Tatiana Belinky e Jean de La Fontaine. Por meio dessa seleção é possível perceber que o problema não é o repertório de autores, mas sim o uso inadequado das obras literárias. A preocupação excessiva dos livros didáticos em ensinar interfere na relação frutiva que o leitor poderia estabelecer com o texto no momento da leitura. E preciso não perder de vista que por meio dela, da simples leitura silenciosa, o leitor passa a observar, a meditar, a analisar, a julgar, a ponderar, a articular e a construir conceitos. (NEITZEL, 2006).

Poderíamos citar dois recursos que são introduzidos nesse livro que podem auxiliar na formação de leitores. O primeiro ‘é uma sugestão de leitura, que traz a capa do livro e o autor. Por meio desse recurso, o aluno pode conhecer novas obras e autores e perceber a biblioteca e a família como espaços outros em que a leitura pode ser concretizada, para além da sala de aula.

Figura 8 – Sugestão de leitura



Fonte: Prado e Hülle (2008, p. 39).

O segundo recurso é apresentado na seção *Ampliando Horizontes*. Nela podemos encontrar indicações de CDs com poemas, filmes de desenhos animados, livros de historinhas infantis, revistas e sites, os quais, se bem trabalhados, podem ajudar na educação estética dos

alunos. Essas indicações abrem outras possibilidades de o professor trabalhar a leitura em sala de aula, dinamizando suas aulas por meio do uso das novas tecnologias.

Por último, gostaríamos de enfatizar que a promoção ao acesso ao texto é o primeiro passo na formação de leitores, pois muitas vezes a escola é o lugar principal, ou talvez até único, de acesso ao livro. No entanto, a forma como esse texto é disponibilizado é fundamental para que entre o leitor e o texto estabeleça-se uma relação de cumplicidade, para além da função utilitária, e o livro seja percebido não como um objeto apenas que veicula conhecimentos, mas sim um objeto a ser fruído. Nesse livro, a literatura não é oferecida de forma a proporcionar uma experiência leitora em sua essência: criadora de sentidos. Ou seja, não há espaço para apreciação estética, para discussão e compreensão, para a subjetividade, o que implica em uma relação com o texto literário como leitor funcional, aquele que busca o texto para coleta de informações, não possibilitando a formação do leitor pelas vias da percepção artística. Nesse sentido, a concepção de texto literário como objeto artístico a ser apreciado é fundamental nas escolhas que fazemos, as quais determinam nossa conduta pedagógica diante do texto. Como Magda Soares (2001) afirmou, a escolarização do texto literário é inevitável e fundamental, no entanto, precisamos repensar como escolarizá-lo de forma adequada.

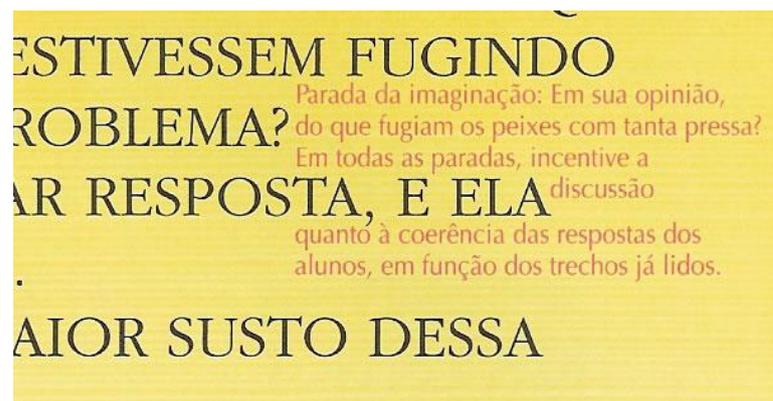
*A grande aventura*⁷ é outro livro sobre o qual vamos tecer considerações oriundas de uma pontual análise acerca da concepção que subjaz suas escolhas no que diz respeito ao repertório literário e ao uso que o livro faz dos textos. Esse livro apresenta uma boa coleção de textos, somando um total de 62, sendo 28 destes textos literários. As autoras criaram recursos que oferecem o texto *gratia sui*. Podemos citar como exemplo a *Estação leitura*. Nessa seção, são disponibilizados ao leitor onze textos literários, dentre eles, poemas e narrativas de autores contemporâneos como Pedro Bandeira, Elias José e Roseana Murray, além de trava-línguas e cantigas. A proposta de apresentar o texto dissociado de atividades linguísticas como as que vimos encontrando nos demais livros analisados é um indício de que as autoras compartilham com a concepção de literatura frutiva. Essa decisão das autoras contribui para a formação de leitores, pois a criança estabelece uma relação de fruição com o texto, considerando que a leitura está desvinculada da obrigatoriedade, pois não há nenhuma atividade orientada em relação ao texto, e sim ao cultivo da imaginação e da leitura agradável. Segundo Peripolli *et al.* (2003), é necessário, para formar leitores, que estes percebam a beleza do ato de ler e o que a leitura pode oferecer, e que esta seja feita sem fins didáticos.

⁷ *A grande aventura* - publicado pela editora FTD, escrito por Regina Carvalho e por Vera Regina Anson.

Afinal, para que serve a literatura? O texto literário deve ser percebido como um objeto artístico, uma obra de arte a ser apreciada, que não tem utilidade prática, e por isso também pode ser abandonado - outro recurso que auxilia o leitor a perceber o texto literário.

No livro do professor, há marcas intituladas *Parada da imaginação*, a qual solicita ao professor que ele incentive um diálogo com o leitor sobre o texto. A professora interrompe a leitura e faz perguntas sobre a história: “Em sua opinião, do que fugiam os peixes com tanta pressa?”. Por meio dessa estratégia, a criança participa da história, expressa sua opinião e elabora um final para ela. A leitura torna-se ponto de discussão para os alunos. Para Resende (1997), conversar sobre a obra, debatê-la, faz com que o indivíduo sinta-se mais atraído por ela, e mais descobertas podem ser feitas a partir do momento que diferentes opiniões e emoções encontram-se.

Figura 9 - *Parada da imaginação* no livro do professor



Fonte: Carvalho e Anson (2008, p. 11).

Nesse livro didático, no entanto, algumas obras são apresentadas em fragmentos deixando o leitor com a sensação de incompletude do texto. A exploração inadequada da literatura, empregada tão amplamente para a fixação de letras e sílabas, novamente reforça a necessidade da escola lidar com a arte de forma utilitária, como nas atividades elaboradas para o poema *Pra boi dormir* de Sonia Miranda.

Figura 10 – Atividades com o poema *Pra boi dormir*

DE PAPO

COM O TEXTO

Na conferência, peça para os alunos relacionarem as letras pintadas aos cartazes da sala e aos nomes das figuras correspondentes.

1. COM OS COLEGAS E A PROFESSORA:

- CIRCULE NO POEMA OS NOMES DE PESSOAS.
- PINTÉ NO ALFABETO AS LETRAS INICIAIS DESSES NOMES. Oriente o uso de cores claras para que as letras não sejam encobertas.

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z

2. CIRCULE E COPIE A LETRA INICIAL DO NOME DE CADA FIGURA.



TIETIA

T



IGREJA

I



ESCADA

E



TOMATE

T



ANEL

A

Peça para um aluno ler a frase para os colegas.

- JUNTE AS LETRAS QUE VOCÊ COPIOU E COMPLETE A FRASE COM O NOME QUE ELAS FORMAM.

TIETIA _____ ANDA DE BICICLETA.

3. DESENHE O BRINQUEDO PREFERIDO DE CADA CRIANÇA, DE ACORDO COM O POEMA.

JOAQUIM

patins

CAROLA

bola

JANETE

patinete

Fonte: Carvalho e Anson (2008, p. 33).

Esse livro apresenta muitas brincadeiras, regras de jogos e instruções de como fazer máscaras, bonecos, fantasmas, dentre outros. Esse recurso, apresentado onze vezes nesse manual didático, é interessante, considerando que a brincadeira faz parte da vida da criança, desperta a imaginação e a criatividade, faz com que ela se interesse pela aula. Outro ponto a ser destacado nesse livro, também, é a exploração da gramática voltada mais ao texto informativo, como receitas e reportagens; em algumas ocasiões, no entanto, ela acontece também em narrativas, parlendas, cantigas e poemas, momentos em que o estudo da língua e a interpretação no mesmo exercício são explorados. Não podemos, no entanto, deixar de salientar que os textos literários estão destinados em sua maioria à fruição e à interpretação, respeitando as características estéticas do texto literário, estimulando a formação de leitores. Quando os autores do livro didático compreenderem que o bom livro para educar não precisa ter seu conteúdo cerceado, controlado, e que o “bom livro educa artisticamente, educa o caráter, estimula a busca do conhecimento, mas tudo isso pelo que ele tenha de mais artístico” (ROCHA, 2006, p. 392), seções como *Estação leitura* e *Parada da imaginação* multiplicar-se-ão.

Considerações finais

Aprendera no circo, há idos, que a palavra
tem que chegar ao grau de brinquedo
para ser coisa séria de rir.
Manoel de Barros (2007).

Manoel de Barros, no livro *Poeminha em língua de brincar*, assume o discurso de que a leitura de textos literários obedece a leis internas, invocando a construção de imagens simbólicas do mundo que se afastam do mundo real: “Contou para a turma da roda que certa rã saltara sobre uma frase dele e que a frase nem arriou”. É esse universo criado e preservado por Manoel de Barros que vimos tentando proteger ao ser inserido no livro didático, um universo literário, ficcional que não se constitui apenas de letras e palavras, mas, sobretudo, de ideias.

A análise desses livros didáticos permitiu-nos observar que este ainda resiste à ideia de “oferecer literatura como literatura” (PERROTTI, 1986, p. 38). Ao observarmos os rumos que o livro didático tomou depois do movimento iniciado na década de 80 a favor de um discurso estético, constatamos que ainda há livros didáticos que não reconhecem o estatuto específico da literatura, não a percebendo como manifestação artística, pois o literário aparece na condição de instrumentalidade. No entanto, há um movimento seguido por alguns livros didáticos que procuram vislumbrar práticas adequadas de escolarização do texto literário, como pudemos perceber. Após exploração e levantamento de dados com relação ao uso dos textos literários nos livros didáticos selecionados, pudemos constatar que alguns autores demonstram pela seleção e organização dos textos certo cuidado em formar leitores, resguardando assim a função estética do texto literário, sem atribuir a ele uma função utilitarista. Há também aqueles que se apresentam parcialmente envolvidos nessa discussão de respeito à categoria do ficcional, concepção esta defendida pelo próprio guia do PNLD 2010 (BRASIL, 2009, p. 18), a qual esclarece que o livro didático deve propiciar “por meio de seleção criteriosa e respeito ao pacto ficcional, uma abordagem adequada de textos de valor artístico, favorecendo, assim, a formação do leitor literário”. (BRASIL, 2009, p. 24).

Quanto à escolarização da literatura, assumimos com Soares (2001) as perspectivas de seu uso o qual, quando feito de forma distorcida, desenvolve no leitor a aversão ao livro e ao ato de ler. Desse modo, não podemos esquecer-nos que, em se tratando de livros para a classe de alfabetização, fase esta na qual a criança é oficialmente apresentada ao mundo das letras, os livros didáticos destinados para esse público têm por um de seus objetivos a fruição estética e a apreciação crítica da produção literária como preconiza o guia do PNLD 2010.

Cabe lembrar que, ao examinarmos as obras a fim de conhecermos a proposta metodológica dos livros didáticos, atentamos aos componentes que dizem respeito ao processo de leitura definidos no edital de convocação para inscrição no PNLD 2010 (BRASIL, 2008, p. 54):

- [...] no que diz respeito aos procedimentos estéticos, os textos da tradição literária de língua portuguesa são imprescindíveis, especialmente os da literatura brasileira;
- entre os textos selecionados, os integrais são preferíveis aos fragmentos [...];
- textos originais e autênticos são preferíveis a paráfrases e adaptações [...];
- o LDP deve incentivar professores e alunos a buscarem textos e informações fora dos limites do próprio livro didático.

Diante dessa análise, podemos afirmar que apenas pelas avaliações trazidas pelo guia do PNLD, não garantimos uma escolha adequada do livro didático. Há de se atentar sempre por um livro didático que priorize a diversidade de tipologias textuais, porém que faça o uso adequado de cada tipo de texto. Em síntese, podemos indicar, dos quatro livros analisados, um livro alinhado com a concepção de literatura fruitiva, que apresenta estratégias de escolarização do texto literário adequadas. Um livro que se situa no entremeio por apresentar algumas estratégias coerentes com os fundamentos para formação de leitores e outras que se distanciam, resvalando para o uso do texto literário para pretexto do ensino da língua. Dois livros que fazem uso inadequado do texto literário, por apresentá-lo sem respeitar as categorias do texto ficcional, sem introduzi-lo como objeto a ser fruído, apreciado. Essa análise mostra a tendência que esta timidamente se mostrando do livro didático em oferecer à criança textos que a insiram no mundo das palavras não para serem decodificadas, mas para que haja uma apropriação de práticas leitoras, que se dá por meio da relação que se constrói entre leitor e texto.

Tabela 1 – Tipologia textual ⁸

TIPOLOGIA TEXTUAL		LD1	LD2	LD3	LD4
1. Texto literário	Contos	1	3	2	4
	Fábula		3	2	
	Poema	16	6	9	12
	Lenda				1
	Narrativa contemporânea		1	5	
	História em quadrinhos	4		1	1
	Texto imagem	4	2		
1.1 Texto de transcrição oral	Quadrinha	1	1	5	2
	Provérbios				
	Trava-língua		1	2	2
	Cantiga	1	6	2	4
	Parlenda	2	2	5	1
	Adivinha/Charada	2			1
1.2 Texto humorístico	Charge				
	Piada				
	Tirinha		1		
Subtotal:		31	26	33	28
2. Texto jornalístico	Notícia				
	Propaganda				
	Artigo de opinião				
	Reportagem		3		
	Entrevista				
Subtotal:			3		
3. Texto de informação científica	Definição		9		
	Informativo		4		1
	Biografia	15	1		
	Relato histórico		1		
Subtotal:		15	15		1
4. Texto instrucional	Cardápio				1
	Receita	1	1	3	4
	Placa de trânsito	7	1		5
	Placa de advertência	1			
	Placa de aviso	1			2
	Regra de jogo e brincadeira		3	3	11
	Montagem	1			
	Guia de trânsito	1			
Subtotal:		12	5	6	23
5. Texto epistolar	Carta				
	Diário				
	Depoimento				
	Solicitação				
	Bilhete		1	3	1
Subtotal:			1	3	1
6. Texto publicitário	Aviso/anúncio/convite	3	1	1	
	Folheto				
	Cartaz				1
	Outdoor				
	Capa de Revista/ Jornal			2	
	Capa de CD			8	
	Capa de livro	7	1		3
Subtotal:		10	2	11	4
7. Texto de	Obra de arte	2	1		1

⁸ Esta tabela foi extraída da dissertação *O livro didático em análise: a literatura em foco* de Fabiana Henrique. A autora baseou-se na tabela construída por Kaufman (1995).

imagem artística					
Subtotal:		2	1		1
8. Texto documental	Certidão de nascimento				
	Registro Geral (RG)				
	Artigo de lei				
	Ficha de dados pessoais	1			
Subtotal:		1			
9. Texto didático	Verbetes de dicionário	10			
	Subtotal:		10		
10. Outros	Cartão telefônico				
	Foto e imagem	2	18		3
	Calendário				
	Desenho infantil		1	8	1
	Agenda de endereço	1		1	
	Mapa		1		
	Envelope	1			
Subtotal:		4	20	9	4
Total de textos literários		31	26	33	28
Total de textos não-literários		54	46	29	34
TOTAL GERAL		85	72	62	62

Fonte: Tabela extraída de Henrique (2011).

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Edital de convocação** para inscrição no processo de avaliação de obras didáticas a serem incluídas no Guia de Livros Didáticos de 1º ao 5º ano do PNLD-2010. Brasília, DF: MEC, 2008.

_____. **Guia de livros didáticos: PNLD 2010: Apresentação.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2009.

BARTHES, R. **O Prazer do Texto.** Tradução J. Guinsburg. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. **S/Z - uma análise da novela Sarrasine de Honeré de Balzac.** Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

CARVALHO, R.; ANSON, V. R. **A grande aventura: Letramento e alfabetização linguística.** 1º ano. 1. ed. São Paulo: FTD, 2008.

CHIAPPINI, L. **Reinvenção da Catedral: língua, literatura, comunicação: novas tecnologias e políticas de ensino.** São Paulo. Editora Cortez, 2005.

CIPRIANO, L. H. R.; WANDRESEN, M. O. L. **Linhas & entrelinhas: 1º ano – Alfabetização e letramento linguístico.** 3. ed. Positivo: Curitiba, 2008.

ECO, H. **Sobre a Literatura.** Rio de janeiro; Record, 2003.

ROCHA, R. Entrevista com Ruth Rocha. Contrapontos. Revista de Educação da Universidade do Vale do Itajaí. Vol. 6, n. 2, p.392, 2006. Disponível em: <<http://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/873/725>>. Acesso em: 10/01/2011.

GIESEN, M. R.; GARCIA, V. A. **Novo Bem me Quer: letramento e alfabetização linguística.** 2. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2008. (Coleção Novo Bem me Quer).

HENRIQUE, F. **O livro didático em análise: a literatura em foco.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós-Graduação stricto Sensu, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2011. No prelo.

LAJOLO, M. O texto não é pretexto. *In:* ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

_____. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

_____. O texto não é pretexto. Será que não é mesmo? *In:* ZILBERMANN, R.; RÖSING, T. M. K. (Orgs.) **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas.** São Paulo: Global, 2009.

NEITZEL, A. de A. Sensibilização poética: educar para fruição estética. *In:* SCHLINDWEIN, L. M.; SIRGADO, A. P. (Orgs.). **Estética e pesquisa: formação de professores.** Itajaí: UNIVALI, 2006. Coleção Plurais Educacionais.

OLIANI, R. de C.; NEITZEL, A. de A. A formação cultural de professores: o poema pede passagem. *In*: PINO, A.; SCHLINDWEIN, L. M.; NEITZEL, A. de A. (Orgs.). **Cultura, escola e educação criadora**: Formação estética dos ser humano. Curitiba: CRV, 2010.

PRADO, A.; HÜLLE, C. **Letramento e Alfabetização Linguística**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

PEIXOTO, M. I. H. **Arte e grande público**: a distância a ser extinta. Campinas, SP: Autores Associados, 2003. (Coleção polêmicas do nosso tempo, 84).

PERROTTI, E. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.

PERIPOLLI, I. *et al.* **A importância da leitura de fruição feita pelo professor em sala de aula para formação de alunos leitores e produtores de textos**. Umuarama, PR: Akrópolis, 2003.

RESENDE, M. V. **Literatura Infantil & Juvenil**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. *In*: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. **Escolarização da leitura literária**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOUZA, R. J. de; GIROTTO, C. G. G. S. **Ler para aprender?** - práticas docentes em leitura e literatura. 2009. Disponível em:
<<http://www.perguntasesrespostas.com.br/seer/index.php/rd/article/view/923/553>>. Acesso em: 5 fev. 2012.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 10. ed. São Paulo: Global, 1998.